

**Material de apoio ao professor**  
Contextualização da obra



**Um  
amor de  
confusão**

Dulce Rangel

Ilustrações de Andréia Vieira

Coordenação pedagógica  
Maria José Nóbrega

## De Leitores e Asas

Maria José Nóbrega

“Andorinha no coqueiro,  
Sabiá na beira-mar,  
Andorinha vai e volta,  
Meu amor não quer voltar.”

Numa primeira dimensão, ler pode ser entendido como decifrar o escrito, isto é, compreender o que letras e outros sinais gráficos representam. Sem dúvida, boa parte das atividades que são realizadas com as crianças nas séries iniciais do Ensino Fundamental tem como finalidade desenvolver essa capacidade.

Ingenualmente, muitos pensam que, uma vez que a criança tenha fluência para decifrar os sinais da escrita, pode ler sozinha, pois os sentidos estariam lá, no texto, bastando colhê-los.

Por essa concepção, qualquer um que soubesse ler e conhecesse o que as palavras significam estaria apto a dizer em que lugar estão a andorinha e o sabiá; qual dos dois pássaros vai e volta e quem não quer voltar. Mas será que a resposta a essas questões bastaria para assegurar que a trova foi compreendida? Certamente não. A compreensão vai depender, também, e muito, do que o leitor já souber sobre pássaros e amores.

Isso porque muitos dos sentidos que apreendemos ao ler derivam de complexas operações cognitivas para produzir inferências. Lemos o que está nos intervalos entre as palavras, nas entrelinhas, lemos, portanto, o que não está escrito. É como se o texto apresentasse lacunas que deveriam ser preenchidas pelo trabalho do leitor.

Se retornarmos à trova acima, descobriremos um “eu” que associa pássaros à pessoa amada. Ele sabe o lugar em que estão a andorinha e o sabiá; observa que as andorinhas migram, “vão e voltam”, mas, diferentemente destas, seu amor foi e não voltou.

Apesar de não estar explícita, percebemos a comparação entre a andorinha e a pessoa amada: ambas partiram em um dado momento. Apesar de também não estar explícita, percebemos a oposição entre elas: a andorinha retorna, mas a pessoa amada “não quer voltar”. Se todos esses elementos que podem ser deduzidos pelo trabalho do leitor estivessem explícitos, o texto ficaria mais ou menos assim:

*Sei que a andorinha está no coqueiro,  
e que o sabiá está na beira-mar.  
Observo que a andorinha vai e volta,  
mas não sei onde está meu amor que partiu e não quer voltar.*

O assunto da trova é o relacionamento amoroso, a dor de cotovelo pelo abandono e, dependendo da experiência prévia que tivermos a respeito do assunto, quer seja esta vivida pessoalmente ou “vivida” por meio da ficção, diferentes emoções podem ser ativadas: alívio por estarmos próximos de quem amamos, cumplicidade por estarmos distantes de quem amamos, decepção por não acreditarmos mais no amor, esperança de encontrar alguém diferente...

Quem produz ou lê um texto o faz a partir de um certo lugar, como diz Leonardo Boff\*, a partir de onde estão seus pés e do que veem seus olhos. Os horizontes de quem escreve e os de quem lê podem estar mais ou menos próximos, assim como os horizontes de um leitor e os de outro. As leituras produzem interpretações que produzem avaliações que revelam posições: pode-se ou não concordar com o quadro de valores sustentados ou sugeridos pelo texto.

Se refletirmos a respeito do último verso, “meu amor não quer voltar”, podemos indagar, legitimamente, sem nenhuma esperança de encontrar a resposta no texto: por que ele ou ela não “quer” voltar? Repare que não é “não pode” que está escrito, é “não quer”, isto quer dizer que poderia, mas não quer voltar. O que teria provocado a separação? O amor acabou? Apaixonou-se por outra ou outro? Outros projetos de vida foram mais fortes que o amor: os estudos, a carreira etc.? O “eu” é muito possessivo e gosta de controlar os passos dele ou dela, como controla os da andorinha e do sabiá?

Quem é esse que se diz “eu”? Se imaginarmos um “eu” masculino, por exemplo, poderíamos, num tom machista, sustentar que mulher tem de ser mesmo conduzida com rédea curta, porque senão voa; num tom feminista, poderíamos dizer que a mulher fez muito bem em abandonar alguém tão controlador. Está instalada a polêmica das muitas vozes que circulam nas práticas sociais...

Se levamos alguns anos para aprender a decifrar o escrito com autonomia, ler na dimensão que descrevemos é uma aprendizagem que não se esgota nunca, pois para alguns textos seremos sempre leitores iniciantes.

\* “Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam.” *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana*. 37ª ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

## Um pouco sobre Dulce Rangel, a autora de *Um amor de confusão*

Dulce Rangel é paulistana e mora em Avaré, no interior do estado de São Paulo. Fez o colegial no IADÊ (Instituto de Artes e Decoração). É publicitária, *designer*, mas sempre adorou estar entre os adolescentes e as crianças. Deu aulas de História da Arte, Comunicações, Teatro e Inglês.

Escreveu, dirigiu e apresentou inúmeras peças de teatro e acha que o teatro é uma maravilhosa manifestação artística, pois permite que tanto o jovem como a criança aprendam a se questionar, a se descobrir, a desenvolver sua autoestima e a conviver melhor com seu grupo. Entre suas peças, destaca-se *A História da Música Popular Brasileira*, que recebeu o primeiro prêmio na Mostra de Arte Regionalizada, promovida pela Secretaria do Interior do Estado de São Paulo. Participou também com seus trabalhos em programas da TV Cultura.

Um fato fundamental em sua vida foi ter conhecido a escritora Clarice Lispector. Sobre ela, diz Dulce Rangel: “De seus livros aprendi a riqueza da palavra verdadeira, do se revelar, do rasgar a alma. Da pessoa de Clarice, aprendi que a gente não deve ter medo de nada e que nossos ídolos são pessoas como nós, de carne e osso, que mesmo sendo famosos também têm suas dúvidas, carências e – por que não? – solidão”.

Atualmente trabalha com a ONG *Viva e Deixe Viver*, que tem como proposta brincar e dar alegria a crianças internadas em hospitais, por meio da leitura de livros e do contato com contadores de histórias.



ARQUIVO DA AUTORA

### A obra

Dona Galinha bota um ovo e, passeando, encontra mais dois ovos. Os três ovos, diferentes, vão para o mesmo ninho. E, cada vez que sai a passeio, Dona Galinha encontra outros ovos, que aos primeiros vão se juntar. No dia em que os ovos se abrem, é uma surpresa: nasce ganso, pato, tartaruga, jacaré... Que confusão!

### Comentários sobre a obra

Muito adequado para o leitor iniciante, pelas palavras e estruturas frasais que se repetem quase como num jogo de encadear, o livro traz uma historieta simples, mas que

encerra uma surpresa e gera possibilidades de investigação sobre diversos temas, desde a questão matemática até pesquisas sobre animais e reflexões sobre o meio ambiente.

### Quadro-síntese

**Gênero:** Conto.

**Componentes curriculares:** Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, Artes.

**Tema contemporâneo:** Vida familiar e social.

**Público-alvo:** Pré-escola – crianças de 4 e 5 anos da Educação Infantil.